

Danda Prado e o devir-nômade-feminista

Susel Oliveira da Rosa*

Resumo: Neste trabalho, abordarei brevemente parte da trajetória de Yolanda Cerquinho Prado, mais conhecida como Danda Prado que, desde seu exílio na França, no final da década de sessenta, passou a fazer parte do movimento feminista, inventando possíveis éticos e tecendo para si “movimentos intensos de afirmação da vida” ao problematizar constantemente a atualidade.

Palavras-chave: Danda Prado, feminismo, devir-nômade

Abstract: In this work, I briefly approach the history of Cerquinho Yolanda Prado, known as Danda Prado, who, since her exile in France at the end of the sixties, became part of the feminist movement, making ethical possibilities and building for themselves "intense movements of affirmation of life" while constantly problematizing the present.

Keywords: Danda Prado, feminism, becoming-nomad

Apesar de suas diversidades de perspectivas, todos feminismos parecem ter um objetivo comum: o de transformar a face do mundo, mudar as práticas sociais, começando por aquelas que são apontadas como fundamentais: as relações entre o feminino e o masculino.
Tania Swain

Conhecida pela sua atuação junto aos movimentos feministas, desde seu exílio na década de 70, Yolanda Crequinho da Silva Prado, mais conhecida como Danda Prado, ao afirmar-se feminista não veste uma identidade, mas mostra-se em devir constante, lembrando das variadas posturas políticas e existenciais com as quais se identificou ao longo da vida, aberta às possibilidades e avessa à linearidade. No prefácio do livro *O que é aborto?* - Coleção Primeiros Passos, da Editora Brasiliense – publicado pela primeira vez em 1984, Danda lembra que era comum os escritores situarem suas argumentações como neutras e objetivas, quando tratava-se de temas controversos. No entanto, logo no primeiro parágrafo deixa claro que estamos singularmente implicados em nossos textos - “não sou neutra. Estou mesmo longe da neutralidade” - e que a defesa de posições e posturas éticas são correlativas a uma abertura ao mundo e à multiplicidade. Ao dizer-se feminista e não conformar-se com a

* Pesquisadora Colaboradora e Pós-Doutoranda em História da UNICAMP. Bolsista da FAPESP.

legislação e com o controle sobre o corpo das mulheres – “nunca me ocorreu conformar-me com a legislação e admitir que uma mulher não pudesse ter acesso à interrupção de uma gravidez não desejada” (PRADO, 1984:7) –, afirma uma subjetividade nômade, expressa na multiplicidade de interesses que acompanham-na: “alternei, durante minha vida, entre fases religiosas, agnósticas e materialísticas, identifiquei-me com correntes de pensamento e grupos políticos diversos” (ibidem:7). Multiplicidade fecunda acompanhada pela coerência entre discussões, pensamentos e atitudes ao longo de sua vida que demonstram não serem os preceitos morais que embasam a vida de Danda, mas sim, os éticos.

Instigando-nos com a questão: “o que é, afinal, o feminino e os feminismos, quando nos referimos a mulheres reais, em situações específicas, no tempo e no espaço?”, Tania Swain também foge aos traçados definitivos, aos lugares ideais. Ao contrário, diz encontrar-se num espaço limiar, para além dos lugares, categorias e imagens habitualmente destinados a conter nosso espaço de ação, sublinhando poeticamente o devir nômade feminista a que me refiro:

Constato que minha posição de sujeito muda, a todo momento, segundo o lugar onde me encontro, o espaço social que me concedem ou que eu tomo. Verifico assim que não sou um sujeito coerente ou definido, já que meus contornos desenham-se sob as luzes dos olhares que me tornam visível e pela imagem de mim que construo, que aceito ou interiorizo (SWAIN, 2003:s/n).

Swain compartilha da noção de “subjetividade nômade feminista”, elaborada por Rosi Braidotti. Para Braidotti, o nômade é aquele que desconstrói as identidades fixas, em prol de identidades complexas e multidimensionais. É aquela que resiste às formas dominantes de pensar e construir a si mesma, como as feministas, “aquelas que têm uma consciência periférica; esqueceram de esquecer a injustiça e a pobreza simbólica: sua memória está ativada contra a corrente; elas desempenham uma rebelião de saberes subjugados” (BRAIDOTTI, 2002:s/n).

Nomadismo e rebelião expressos na trajetória de Danda: falando sobre sexualidade já aos 17 anos, na Associação de Mulheres do Partido Comunista – na época coordenada pela sua madrastra -, ajudando os militantes políticos durante a ditadura militar; insurgindo-se contra os saberes estabelecidos que generizam o humano em formatos binários; fundando, no exílio, o “Grupo Latino-americano das Mulheres em Paris”, mesmo a revelia da esquerda mais tradicional; difundindo as idéias feministas no Brasil, durante a década de 70 através do “Nosotras” - boletim de divulgação do grupo; escrevendo e desnaturalizando o papel de “esposa” na ordem patriarcal; defendendo a descriminalização do aborto no Brasil, com o

retorno ao país após a Anistia em 1979; publicando livros que subvertem a ordem androcêntrica através da Coleção Primeiros Passos, da Editora Brasiliense; atualmente inquietando-se com temas como intersexualidade, transexualidade e a luta das mulheres em vários países da América Latina. Temas que a mantém em devir constante, devir feminista que propicia a invenção de novas possibilidades de vida, mesmo frente às novas capturas biopolíticas dos corpos em sexos.

Em 1984, no livro *O que é aborto?*, Danda afirmava que uma das principais reivindicações do movimento feminista era a “alteração total das estruturas econômicas e sociais de nossa sociedade” (PRADO, 1984:83). Atualmente, passados mais de vinte anos, o reconhecimento da contribuição do feminismo enquanto movimento social e de crítica teórica desde os anos 60, é inegável. Stuart Hall, por exemplo, considera sua contribuição primordial no descentramento conceitual do sujeito cartesiano, ao questionar a clássica distinção entre público e privado, inserindo no centro da política a sexualidade, a família, a divisão doméstica do trabalho, o cuidado com as crianças, etc. Hall enfatiza que o feminismo “politizou a subjetividade, a identidade e o processo de identificação (como homens/mulheres, mães/pais, filhos/filhas)” (HALL, 2005:45), mostrando como somos produzidos enquanto sujeitos generificados. “Aquilo que começou como um movimento dirigido à contestação da posição social das mulheres expandiu-se para incluir a formação das identidades sexuais e de gênero” (ibidem:45-6). E o movimento não parou aí, pelo menos por parte de inúmeras feministas.

Desnaturalizando a construção do sexo e do gênero em seus formatos binários, os feminismos não se apóiam em “terras natais perdidas”, pois desconstroem os destinos pré-determinados. Eis porque Braidotti lhe confere o “estilo nômade”, pois o nomadismo “refere-se ao tipo de consciência crítica que resiste a se ajustar aos modos de pensamento e comportamento codificados. É a subversão do conjunto de convenções que define o estado nômade, não o ato literal de viajar” (BRAIDOTTI, 2002:s/n).

Para Deleuze, nômades são aqueles que produzem viagens em intensidade, não necessariamente se movimentando: nomadizar, nesse sentido, significa escapar aos códigos (DELEUZE, 2006:328). Em lugar do sujeito essencializado, Deleuze prefere pensar o sujeito como fronteira, pele, envoltura, interioridade transbordante; em lugar de uma identidade estável e fixa, as intensidades, movimentos, profundidades: singularidades impessoais e pré-individuais. E, para escapar aos códigos, como propõe Deleuze, Beatriz Preciado lembra-nos que primeiro precisamos atravessar a molaridade identitária, em direção a um devir molecular e pós-identitário.

Danda Prado tem questionado a molaridade identitária que cataloga os corpos em gênero e sexo dimorficamente, pois se a contribuição do feminismo é inegável, muito ainda está para ser feito, como tem afirmado a historiadora Margareth Rago. Rago lembra-nos, por exemplo, que a recente inclusão das mulheres no campo da historiografia “tem revelado não apenas momentos inesperados da presença feminina nos acontecimentos históricos, mas também um alargamento do próprio discurso historiográfico” (RAGO, 1995: s/n). Discurso, até então, centrado no sujeito universal (masculino), quer seja em ações individuais ou práticas coletivas. Os feminismos, para a historiadora, questionam e desestabilizam as leituras excludentes da política, ampliando o conceito de cidadania e “propondo uma nova concepção da prática política, que se manifesta não apenas nos espaços permitidos e institucionalizados da política, mas na própria vida cotidiana” (idem, 2002: s/n). Muitos desses espaços ainda marcados pela persistência de marcas identitárias e arborescentes, pela molaridade do poder a restringir e catalogar os corpos.

Nesse sentido, se Danda Prado foi uma das primeiras feministas brasileiras a levantar publicamente a discussão sobre o aborto – desvinculada das organizações partidárias, dos interesses dos partidos políticos que se reorganizavam no período pós-ditadura –, a defender publicamente o direito das mulheres de gerirem seu próprio corpo, ela lembra hoje que passados mais de vinte anos das discussões iniciais sobre a legalização do aborto no Brasil, os argumentos se repetem e o aborto continua proibido:

[No Brasil] ainda não foi aprovado! Então é muito tempo, não dá pra acreditar que esteja levando tanto tempo [...] participei dessa discussão na assembleia lá [na França] em 1973, mais ou menos... faz 35, 25, 30 anos? Não, 35 anos [de discussão] sobre o aborto!! Pra mim chega... não dá mais argumento, nem pra entender... só mesmo lendo o livro do que se passa nos países islâmicos é que a gente pode encontrar uma coisa pior! Não tem mais sentido emocional pra mim discutir o aborto¹.

Sentido emocional e político que movimentou Danda quando retornou ao Brasil, em 1979, às vésperas de uma discussão sobre a possibilidade de uma menina de 13 anos realizar um aborto. A menina, filha de uma operária que trabalhava nas fábricas do Rio de Janeiro, havia sofrido abusos consecutivos por parte de seu padrasto. Cícera, a mãe da menina ao descobrir o que havia acontecido à filha, começou a luta para que a filha realizasse o aborto, enquanto denunciava o seu então companheiro, pedindo sua prisão. O caso tornou-se público no Rio de Janeiro, pois apesar da legislação garantir a realização do aborto nesses casos, os

¹ Danda Prado. Depoimento à autora, gravado em 25/06/2008.

médicos se recusavam a tal. Até que a operária decidiu ir num programa de rádio da época, solicitar ajuda publicamente:

*De repente eu chego ao Brasil e coincide de eu chegar ao Rio de Janeiro nas vésperas de um debate sobre aborto. A motivação era de uma operária de uma fábrica lá do Rio, cuja filha tinha sido estuprada pelo padrasto [...] a menina tinha 12 ou 13 anos e o padrasto mantinha relações com ela [...] Ai, ela tinha direito pela lei ao aborto. E a mãe desesperada, por que aí a menina ia perder a escola e tudo, foi ao programa da Cidinha Campos, e pediu ao público que encontrasse um médico, porque ela tinha ido a vários e os médicos tinham medo, porque a lei do aborto, o médico não pode automaticamente praticar o aborto, ele tem que justificar, diante de um juiz, pra ir ter autorização e poder fazer o aborto. E essa operária estava pedindo! [...]*²

Danda acompanhou Cícera em sua busca para conseguir a autorização judicial que ela precisava. Depois ela entrevistou Cícera e narrou, a partir dos depoimentos da operária nordestina, sua trajetória no livro “Cícera, um destino de mulher: autobiografia duma imigrante nordestina, operária têxtil”. O livro foi publicado em 1981, com autoria de Cícera e Danda. “Cícera me impressionou enquanto personagem representativo da luta vã e sem perspectiva que é a nossa – de todas as mulheres – nesta cultura patriarcal. Como todas nós, ela corre, buscando sua realização pessoal através duma prestação de serviços sem fim” (OLIVEIRA;PRADO, 1981:126). Esse é um dos muitos episódios que mostram a inquietação constante de Danda com as capturas biopolíticas, com o lugar destinado às mulheres numa cultura patriarcal.

Identificada com a “segunda onda” ou “geração” do feminismo, os pesquisadores a buscam para falar e palestrar sobre esses temas. Contudo, ela lembra que teria outros assuntos que a instigam na atualidade, pois reafirmam a captura dos corpos de maneiras diferenciadas. Um devir nomadizante a mantém atenta à molaridade do poder, às formas de sujeição recriadas incessantemente, através de um investimento constante em escapar aos códigos e às normas enrijecedoras. Digo isso porque em nossa primeira entrevista ela estava empolgada com o publicação do livro *O que é transexualidade*, de Berenice Bento - na época a publicação mais recente da Coleção Primeiros Passos, da Editora Brasiliense, coordenada por ela. Além do livro, Danda me perguntava se eu havia assistido ao filme argentino “XXY”. Temas que questionam os investimentos biopolíticos constantes que procuram reduzir a multiplicidade da existência ao binarismo sexual, através de práticas e discursos que apagam os rastros da polissemia dos seres.

² Danda Prado. Depoimento à autora, gravado em 25/06/2008.

Se no caso do aborto, os investimentos biopolíticos impedem a mulher de gerir/interferir em seu próprio corpo, no caso dos intersexos e transexuais esses mesmos investimentos impelem a interferência para adequar esses corpos aos modelos dimórficos (homem e mulher), “normalizando” sua suposta “anormalidade”. Boa parte do que chamamos hoje de intersexos é incitada à cirurgia logo após o nascimento para adequarem-se, geralmente, ao “sexo feminino”. Já no caso dos transexuais a medicina e as ciências-psi (psicologia, psicanálise, psiquiatria) devassam corpos e mentes com o objetivo de identificar os “transexuais verdadeiros”, tendo como norma o referente binário e falocêntrico³.

Creio que um eixo comum permeia a inquietação de Danda – inquietação que marca o compromisso e o cuidado com o mundo sobre o qual Hannah Arendt escreveu – com as capturas do corpo das mulheres e dos corpos trans ou intersexos: as coerções e violências que ainda constroem as primeiras e que também investem na captura ou transformação dos segundos, pois que ambos devem permanecer assujeitados à ordem dimórfica do patriarcado, na qual “as mulheres são ideológica e culturalmente educadas para casar e ter filhos, como objetivo máximo a ser alcançado” (PRADO, 1984:82). Ainda o são, podemos dizer, pois que isso ainda permanece inscrito “na educação, no lazer, nos meios de comunicação” (ibidem, p.82), nos investimentos biopolíticos que tratam do corpo da população, e atualmente investem, também, nas cirurgias de transgenitalização.

Ao falar sobre as cirurgias de transgenitalização, Danda considera esse um tema difícil, porque inúmeras vezes passa pelo desejo da própria pessoa de mudar de sexo. No entanto, ela diz que se vivêssemos “talvez numa outra sociedade, as pessoas talvez desejassem mudar seu estilo de vida simplesmente. Quer dizer, a violência não precisaria existir. Por que se você pudesse escolher sempre, você, ou simplesmente se vestia de outro jeito ou não tinha importância...”⁴.

Esses são alguns dos temas que abordarei ao escrever sobre a trajetória de Yolanda Cerquinho da Silva Prado, feminista brasileira que aos 80 anos mantém sua inquietação constante com o mundo, tecendo para si modos singulares de existência para além das capturas dos poderes que normatizam nossos corpos.

³ Considerações a partir do livro de Berenice Bento: *A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual* (RJ: Garamond, 2006).

⁴ Danda Prado. Depoimento à autora gravado em 20/04/2009.

Referências Bibliográficas

- BENTO, Berenice. *A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual*. RJ: Garamond, 2006.
- BRAIDOTTI, Rosi. "Diferença, Diversidade e Subjetividade Nômade". In Revista *Labrys, Estudos Feministas*, 2002.
- DELEUZE, Gilles. "Pensamento nômade" In: *A ilha deserta*. São Paulo: Iluminuras, 2006.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. RJ: DP&A, 2005.
- PRADO, Danda e OLIVEIRA, Cícera Fernandes. *Cícera, um destino de mulher*. SP.: Brasiliense, 1981.
- PRADO, Danda. *O que é aborto*. SP: Brasiliense, 1984.
- RAGO, Margareth. *Entre a história e a liberdade: Luci Fabri e o anarquismo contemporâneo*. São Paulo: Unesp, 2001.
- _____. *Feminizar é preciso, ou por uma cultura filóloga*. Revista do SEADE, São Paulo, 2002.
- _____. "As mulheres na historiografia brasileira". In: Zélia Lopes Silva (org.). *Cultura Histórica em Debate*. SP: Ed. UNESP, 1995.
- SWAIN, Tania Navarro. *As heterotopias feministas: espaços outros de criação*. Revista *Labrys* n.3, 2003.